

APRESENTAÇÃO

A proposta desta coletânea, intitulada *Serviço Social, conservadorismo e movimentos sociais: disputas e enfrentamentos*, emerge como produto das articulações e interlocuções realizadas entre dois grupos de pesquisa: o Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre os Fundamentos do Serviço Social (GEPEFSS)¹ e o Núcleo de Estudos dos Fundamentos do Serviço Social (NEFSS)². Esse diálogo foi possível devido ao processo de pós-doutoramento que tinha como objeto de estudo os Fundamentos do Serviço Social.

Os textos constitutivos desta condensação de diversas reflexões que congrega estudiosas/os da área, tem a finalidade de apresentar algumas problematizações de pesquisas que versam sobre o Serviço Social, os Fundamentos da profissão, bem como temáticas que lhe atravessam. Assim, os artigos que compõem esse material são expressões de esforços coletivos de se pensar a profissão em seus principais desafios, lacunas, fragilidades e tensionamentos na cena contemporânea.

Certamente, longe de esgotar a temática, a proposta aborda algumas notas reflexivas, as quais reconhecemos serem necessárias ao Serviço Social. Portanto, é disto que essa coletânea trata: do Serviço Social, não numa perspectiva endogenista, mas pensando esta profissão na sua processualidade histórica, nas dinâmicas das contradições sociais, no seu significado social, quando da sua gênese no modo vital da dinâmica do capitalismo monopolista, na sua ruptura com o espólio conservador e a construção de um projeto profissional crítico, produto de um processo coletivo de maturação intelectual e sociopolítica, que vem sendo tensionado por tendências neoconservadoras, tão ao gosto da racionalidade formal abstrata que desafiam o machado agudo da razão. O movimento de partida é a busca por um diálogo crítico com as questões contemporâneas que estão postas na realidade brasileira

¹ Da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Da Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense/Niterói.

para pensar a profissão: o início do caminho para que possamos conhecer a essência dos fenômenos sociais que compõem a realidade social da qual emerge a profissão e que é a todo momento por ela influenciada.

A profissão, que por algumas décadas de existência no Brasil, ficou mergulhada no pensamento conservador, ora vinculada à Doutrina Social da Igreja, ora à sociologia norte-americana, constrói um processo de ruptura somente maturado nestes rincões, que derivou no que conhecemos atualmente como projeto ético-político. Este projeto de profissão mudou vertiginosamente o caminho do Serviço Social brasileiro possibilitado pelo contato com a real crítica através das obras do campo da tradição marxista, exigindo uma análise lúcida da realidade viabilizada pela interlocução com a teoria marxista, que permite a abertura de novas sendas teóricas para o Serviço Social. Este legado precisamos “esperançar”, como diria Paulo Freire, ou seja, não podemos deixá-lo à deriva, ou fazê-lo perder o fôlego diante dos ataques insanos e obscurantistas das tendências neoconservadoras. Cada vez mais, é necessário que nos fortaleçamos teoricamente para que não só possamos compreender o significado sócio-histórico deste projeto, mas a sua plena atualidade.

Desta forma, precisamos identificar como as expressões do conservadorismo se apresentam para a profissão, incluindo como ela se manifesta no debate e no campo da produção de conhecimento do Serviço Social, com “novas feições”. Por isso que cada vez mais se faz necessário situar o debate acerca dos fundamentos da profissão, no sentido de garantir a direção social estratégica, bem como seu projeto ético-político; precisamos ter consciência teórica sobre o que é a profissão, seus elementos sócio-históricos constitutivos. Para isso é necessário termos conhecimento, com destreza teórica, sobre o que funda a profissão, a partir de um conjunto de necessidades sociais colocadas num determinado momento do desenvolvimento sócio-histórico do capitalismo monopolista e pelo conjunto de contradições por ele produzidas. Por isso, é ímpar estabelecer, já neste início, a discussão sobre o que é a profissão em seus fundamentos que

constituem a sua essência, sua totalidade histórica. Portanto, compreender sua concepção, já que o estudo acerca dessa temática nos direciona para a apreensão do significado social do nosso trabalho profissional. Aliás, esse é um dos intuitos desta coletânea, na parte I, onde inicia o debate problematizando com a/o leitor/a duas questões básicas: a primeira de que não há uma concepção única sobre os Fundamentos do Serviço Social e a segunda é que, portanto, precisamos conhecer este debate no sentido de qualificá-lo a partir de uma nitidez teórica. Por outro lado, identificamos que este debate é pouco incentivado, ainda que apresente uma relevância para a profissão na medida em que possibilita a reflexão acerca da gênese da profissão, a apreensão de seu significado social, bem como de sua natureza interventiva e seu desenvolvimento sócio-histórico sobretudo na particularidade brasileira. Nesse sentido ainda que determinada forma de entendimento sobre os fundamentos seja hegemônica na profissão, a pesquisa mostrou que há concepções, ainda que dentro do campo da tradição marxista, que apresentam sutis nuances de diferenciações. Esta assertiva demonstra que se precisa avançar neste debate, portanto, para discutirmos a relação do conservadorismo com a profissão e suas atuais manifestações é necessário esse caminho de volta no sentido de iluminar o que se denomina por Fundamentos do Serviço Social.

Atualmente, com a retomada exponencial do conservadorismo na sociedade brasileira como uma expressão dos fenômenos sociais mundiais, essa realidade reverbera na profissão, onde no âmbito da produção do conhecimento reacendem propostas conservadoras, pós-modernas e pragmáticas que compõem um processo de fragmentação teórica. E é isso que precisamos estudar e entender.

O pensamento conservador é orgânico ao padrão de sociabilidade burguesa que desde sua gênese se articula de diversas formas para justificar e garantir a permanência da burguesia no poder e mantê-la como classe hegemônica na sociedade, ainda que este seja um campo em disputa. Nesse sentido é importante (re)conhecermos o que é o conservadorismo, do que é tributário no tecido heteróclito da sociedade e como influenciará na profissão que é pensada como mais

um de seus instrumentos para manutenção do *status quo*. Esta dimensão será expressa não somente na organização da profissão no Brasil, mas também incidirá na sua insípida e inicial produção de conhecimento. Esses diálogos críticos serão relacionados na parte II desta coletânea problematizando o início da profissão no Brasil.

Ainda na parte II nos deparamos com o processo de ruptura com a herança conservadora e a construção do projeto ético político tão caro a profissão, pois representa um esforço de uma vanguarda profissional formada de uma massa crítica, que busca uma ruptura com aquilo que se encontra entranhado na profissão: o conservadorismo. E ainda que se tenham conquistas a partir das lutas e movimentos coletivos, já nos anos de 1990, ocorrerá um retrocesso que fará emergir “novas facetas do conservadorismo” na sociedade brasileira e que reverbera na profissão. Esse contexto afeta a profissão, não só nas suas demandas que lhe são postas nos espaços sócio-ocupacionais, mas nas suas formas de respondê-las. Então, assiste-se um retrocesso nas conquistas e se por um lado vemos avançar o amadurecimento intelectual no campo da produção de conhecimento possibilitado pela apropriação teórica oriunda do campo da tradição marxista, por outro vemos um retrocesso sobretudo na intervenção profissional que acaba por muitas vezes tendo como diretriz do trabalho profissional, as normatizações das políticas públicas ao invés das do projeto ético político. Esse equívoco, já detectado em diversos estudos e pesquisas precisa ser problematizado e encarado como um elemento que carece de mudanças e renovações considerando que determinadas políticas carregam traços conservadores que não se apresentam como tal. Esse é um dos desafios, ou seja, até que ponto pode ser percebido que por trás de um discurso que se pretende progressista, há elementos de conservação da ordem?

Nessa direção, a parte III desta coletânea traz uma discussão que não é nova, mas se apresenta de forma inovadora e que precisa cada vez mais ser explorada quando relaciona o trabalho do Serviço Social aos movimentos sociais, ou seja, a necessidade de se ir para além dos “muros institucionais” e somar esforços coletivos com a luta dos

trabalhadores. Somente desta forma pode-se iniciar um processo real de modificação das estruturas sociais, articulando-se com o movimento da classe trabalhadora, conhecendo suas demandas, estimulando seu processo organizativo e contribuindo, ainda que de forma gradual, para a construção de uma sociedade sem opressão e exploração.

Entre Rio de Janeiro e Juiz de Fora, outono/inverno de 2026.